

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **SOBRE O CONCEITO DE PRÉ-HISTÓRIA. BREVE APONTAMENTO.**

JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira

Ano: 1977 | Número: 87

---

### **Como citar este documento:**

JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira, Sobre o conceito de pré-história. Breve apontamento. *Revista de Guimarães*, 87 Jan.-Dez. 1977, p. 247-257.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Sobre o conceito de Pré-história — Breve apontamento

Por SUSANA e VÍTOR OLIVEIRA JORGE  
Assistentes da Faculdade de Letras do Porto

1

Em 1970, um de nós (V. O. J.) apresentou ao «Colóquio sobre Epistemologia das Ciências do Homem» um texto intitulado *Estatuto Epistemológico da Paleoantropologia Cultural* (1), em que se procurava encontrar uma posição para a Pré-história no quadro das ciências do homem. Aí se propunha um modelo hierárquico do processo científico, em que a Pré-história se situaria num espaço intermédio entre a Arqueologia pré-histórica, que estaria ao nível da recolha de dados, e uma Paleoantropologia cultural em sentido amplo, esta ao nível da síntese e da interpretação de conjunto.

Esta reflexão teórica, cuja necessidade é sentida pela maioria dos pré-historiadores, e se encontra bem expressa em diversos trabalhos, por exemplo, de A. Laming-Emperaire (2), não tem, todavia, sido objecto

---

(1) Publicado em «Novas Perspectivas das Ciências do Homem», Lisboa, Ed. Presença, s/d, Col. «Biblioteca de Ciências Humanas», n.º 4. Integrado no livro do mesmo autor «Ensaio sobre Paleoantropologia Cultural», Porto, Centro Universitário, 1977.

(2) Cf., por exemplo: «Origines de l'Archéologie Préhistorique en France. Des Superstitions médiévales à la découverte de l'Homme Fossile», Paris, A. e J. Picard & Cie, 1964; *Primitifs d'hier et d'aujourd'hui*, «La Vie Préhistorique» n.º esp. de «Sciences et Avenir», 1971, pp. 26-35; *Préhistoire, sciences humaines et sciences de la nature*, «Bulletin de la Société Préhistorique Française», t. 66, 1969, pp. 166-171.

do esforço que merece, tanto em Portugal como no estrangeiro. A clarificação do lugar da Pré-história no conjunto das ciências, e portanto da constelação dos mais importantes ramos do saber com que mantém relações, e até do seu papel e significado no momento actual, impõem-se naturalmente, por uma questão de coerência, a todos aqueles que se dedicam a este campo, e ainda mais prementemente se têm de transmitir aos seus conhecimentos a outrem. Razões mais que suficientes para que voltemos ao assunto, procurando dar um contributo para a redefinição do papel da Pré-história no nosso ensino e investigação, redefinição que, parece-nos, não poderá continuar a ser adiada por muito mais tempo, e terá de basear-se numa reflexão metodológico-epistemológica.

Foi justamente Laming-Emperaire um dos autores que mais sublinhou o carácter heterogéneo, caótico mesmo, da Pré-história, por nela coexistirem, sem que atinjam uma síntese harmoniosa, linhas de pesquisa, métodos de trabalho, que são originários de ciências diferentes. Tal situação é claramente explicável, se atendermos ao facto da Pré-história só se ter constituído como ciência há cerca de um século, precisamente pelo entroncar de linhas de investigação que, esquemática e simplificada, relevam, de um lado, da geologia e da paleontologia (que permitiram comprovar a longa antiguidade do homem, pela superação da teoria catastrofista-diluvialista e pela teoria da evolução das espécies, mostrando a Terra e os seres que a povoam como um produto histórico), de outro, da história e da arqueologia (na sua preocupação de prolongar cada vez mais no tempo o nosso conhecimento das etapas culturais da humanidade) e, por fim, da etnologia ou antropologia cultural (que tenta erguer um quadro das formas de comportamento diferencial dos homens em sociedade, para tal socorrendo-se das culturas «primitivas» ou «diferentes» da nossa) (1). Assim, a Pré-história debater-se-ia numa certa crise de imaturidade, por não ter ainda podido absorver, nos seus métodos e discurso próprios, essas heranças de um passado recente, dificuldade ainda mais

---

(1) Cf. «Origines de l'Archéologie Préhistorique en France», Introdução.

acentuada pelos novos contributos que constantemente recebe das ciências «naturais» e «exactas». Não é raro, assim, que qualquer das linhas que nela confluem tente uma certa hegemonia, reduzindo a si própria a indiscutível especificidade da Pré-história. Essa especificidade, terão de ser os autênticos pré-historiadores a explicitá-la.

## 2

A Pré-história é uma ciência natural ou humana? A resposta mais correcta parece-nos ser a de que ela é ambas as coisas ao mesmo tempo, uma ciência radicalmente interdisciplinar, uma ponte entre esses dois grupos, em grande medida convencionais, de ciências. De facto, nas suas técnicas de pesquisa de campo e, em larga medida, de laboratório, ela é uma ciência natural; mas, nos seus fins últimos, fundamentalmente uma ciência humana. Quanto ao seu método, considerado por oposição às técnicas concretas de análise, ele provém das mais variadas ciências, sejam elas «naturais», «humanas» ou «exactas». Já o pré-historiador Gordon Childe escrevera que «a arqueologia começa por ser uma ciência classificadora, como a botânica ou a geologia. Só depois de classificar os dados é que o arqueólogo os começa a interpretar para lhes extrair a história» (1). E Jean-Claude Gardin, mais recentemente, distingue um «ponto de vista puramente descritivo por um lado, em que nos contentamos com agrupar os materiais segundo critérios exclusivamente internos; e o ponto de vista histórico propriamente dito, em que se toma também em linha de conta as características externas dos monumentos, isto é, a sua situação respectiva no tempo, no espaço, e mais geralmente no conjunto do contexto cultural que lhes é próprio» (2).

Aquilo, pois, que por vezes faz a Pré-história parecer uma ciência natural — sobretudo no caso do seu pri-

---

(1) «Introdução à Arqueologia», Lisboa, Pub. Europa-América, s/d., pp. 13 e 14.

(2) *Problèmes d'analyse descriptive en Archéologie*, «Études Archéologiques», Serv. d'Édition et de Vente des Publicat. de l'Éducation Nationale, Paris, 1963, p. 134.

meiro período, o Paleolítico — é o papel pioneiro e em certa medida preponderante que diversas ciências desse grupo nela desempenharam e desempenham e a fragilidade dos resultados a que outros campos por enquanto chegaram. Ouçamos Leroi-Gourhan: «A pré-história é uma espécie de colosso com cabeça de argila, tanto mais frágil quanto nos elevamos da terra em direcção ao cérebro. Os pés, feitos de testemunhos geológicos, botânicos ou zoológicos, são bastante firmes; as mãos são já mais friáveis, pois o estudo das técnicas pré-históricas está marcado por uma larga auréola conjectural. A cabeça, ai de nós, parte-se ao menor choque e, muitas vezes, contentamo-nos com substituir ao pensamento do colosso decapitado o do pré-historiador.» (1)

Que se pode, então, entender por Pré-história?

Esta palavra corresponde a dois conceitos fundamentais. Ao nível da história vivida, da história acontecida, a Pré-história é um primeiro período dessa história universal, que se iniciou há cerca de 3 milhões de anos, no começo do Quaternário, e durou desigualmente, conforme as zonas do globo consideradas, até à invenção da escrita, isto é, à criação de um princípio de reflexão registada da sociedade sobre si própria, à existência de uma memória cultural objectivamente explicitada, e independente da arte e da religião. Ao nível da história pensada, da história como ciência, a Pré-história é uma disciplina que visa o conhecimento dos tempos pré-históricos.

Significa isto que a Pré-história é uma ciência puramente histórica, como aliás pareciam pressupor as citações de alguns autores feitas anteriormente? Tudo depende do conceito de história por que optarmos. A verdade é que a Pré-história, como algures lembrava Leroi-Gourhan, nos introduz num mundo de métodos e de problemas bem pouco familiar ao historiador, no sentido estrito de construtor de uma história feita sobretudo a partir de documentos escritos. Basta atentar no facto de o pré-historiador dispor hoje, graças aos métodos de datação por processos radioactivos, de um tempo absoluto em que situar os

---

(1) «Les Religions de la Préhistoire», Paris, P. U. F., 1964, p. 2.

fenómenos que estuda, fenómenos esses cujo enquadramento vai buscar às ciências naturais, como acontece com a sucessão dos fenómenos glaciários ou das associações de ffaunas e de floras.

Assim, se a Pré-história é uma disciplina histórica, é-o a um título muito especial. De facto, e em primeiro lugar, ela utiliza simplesmente como documentos testemunhos arqueológicos, isto é, resultados materiais da acção do homem; por essa razão, os seus arquivos não estão concentrados nas cidades, em organismos próprios, mas espalham-se pela superfície da terra, fazem parte da natureza, e são constituídos pelas jazidas ou estações arqueológicas, hoje em curso de destruição rápida pelos grandes trabalhos de interesse público como as barragens, ou pelos modernos instrumentos agrícolas, de longe mais destruidores do que os tradicionais. Assim, pois, a Pré-história trabalha com documentos aparentemente «mudos», forjados inconscientemente pelo homem pré-histórico no decurso das suas actividades quotidianas, e cuja conservação, até aos tempos de hoje, esteve condicionada por factores puramente naturais, como o clima, ou a resistência ao tempo de certos materiais, muito pequena para a madeira, por exemplo, extremamente longa para a pedra. Os dados que o pré-historiador retira desses documentos não têm, por seu turno, significado individual, nem se referem a momentos precisos do tempo: a Pré-história não conhece «actores» individuais, mas sociedades ou culturas, não trabalha com o tempo vivido, nem com o tempo «fino» do historiador, mas com estratos de tempo; e isto, por mais particulares que sejam os testemunhos encontrados. Realmente, se achamos um vaso cerâmico, sabemos que ele foi feito por um certo oleiro num momento específico: mas a sua identidade não nos importa; de igual modo, a pegada deixada por um homem do Paleolítico numa gruta ou num fundo de cabana, só nos interessa na medida em que nos informa sobre um certo tipo de homem fóssil e sobre o seu comportamento num certo local — o indivíduo, construção histórica moderna, não teria sentido numa sociedade pré-histórica. Assim em Pré-história lidamos com acções repetidas, que são mais do domínio do quantitativo do que do qualitativo, e que se distribuem ao longo de um tempo que, por ser muito diferente

do nosso, as torna de certo modo atemporais, entre certos limites, por nós introduzidos, e que seriam muito provavelmente indiferentes ou incompreensíveis para os homens dessas épocas.

O tempo da Pré-história é pois bem diferente do da história em sentido estrito; esta reporta-se aos últimos milhares de anos da actividade humana, no caso da área europeia, enquanto que a Pré-história diz respeito aos quase três milhões de anos anteriores, num alargamento imenso do tempo histórico, o qual representa uma conquista fundamental da ciência moderna, e se prolonga com a noção da longevidade dos tempos geológicos, e, no plano do espaço, com as conquistas da Astronomia e da Micro-física. Além disso, enquanto a história tradicional se construía vulgarmente no quadro apertado das nações modernas, a Pré-história teve desde a origem uma vocação universal, por tratar de movimentos de povos e de culturas que não se recortam nem se confinam a esse quadro, de criação muito posterior. Ela acordou assim para a consciência histórica muitas nações que não se podem orgulhar da rica história europeia, mas que possuem também o seu passado, garante da sua personalidade cultural própria.

Apesar de tudo o que ficou dito, porém, podemos considerar a Pré-história como uma disciplina histórica, porque o seu fim são também as relações causais, genéticas, entre fenómenos situados no tempo; porque para ela, a cronologia é igualmente um elemento fundamental, ou, se quisermos, o factor tempo nela é também entendido como um elemento criador. Aliás, a historiografia contemporânea, é bem sabido, procedeu a um enorme alargamento da noção de documento, valorizando os testemunhos materiais de todas as épocas do passado, e superou a história da superfície, do acontecimento, para ir a fenómenos de estrutura, que muito a aproximam de outras ciências humanas que também interferem com a Pré-história.

Veremos, porém, no seguimento do presente trabalho, que os conhecimentos que a Pré-história nos proporciona também se relacionam com diversos outros campos do saber. Este ponto articula-se com o seu carácter interdisciplinar, atrás referido.

## 3

Dissemos que a Pré-história não é exactamente uma ciência natural, embora tenha ido buscar diversos métodos a esse grupo de ciências, métodos esses que ela deverá conceptualizar no seu âmbito específico, integrando-os no seu próprio corpo de conceitos. Dissemos que ela pode ser considerada uma ciência histórica, embora de um tipo particular, o que perfeitamente justifica a sua actual inserção num curso universitário de História, que, sem ela, ficaria incompleto. Perguntamos agora: a Pré-história será uma disciplina etnológica, ou, se quisermos, antropológica? Quais as relações da Pré-história com a Antropologia cultural?

Reconstituamos antes de mais as várias fases do trabalho do pré-historiador. A primeira diz respeito à Arqueologia pré-histórica, um dos capítulos da Arqueologia, que é um conjunto de técnicas de estudo do passado da humanidade através dos seus vestígios materiais inscritos no solo, os testemunhos arqueológicos. A arqueologia pré-histórica incide pois sobre um sub-conjunto desses vestígios, os que foram produzidos no passado pré-histórico. Começa por os classificar, e temos os vários tipos de documentos pré-históricos, as estações ou jazidas — estações de ar livre, estações-refúgio, habitats construídos, oficinas de trabalho, zonas de enterramento, locais de culto, estações de arte rupestre, jazidas de restos fósseis, etc. Uma primeira fase de trabalho sobre o terreno é precisamente a que se relaciona com a detecção dessas jazidas, e com a elaboração das cartas de distribuição de estações numa dada área. Seleccionadas as jazidas a escavar, podem então começar as escavações metódicas, que são o momento fundamental e decisivo de todo o processo da pesquisa. A propósito, veja-se o que afirma o Prof. Leroi-Gourhan: «(...) a escavação é o acto importante em Pré-história. Decorre daí que numa escavação é necessário, não um homem, mesmo escla-recido, mas um instituto inteiro (...)» (1). Este «instituto»

---

(1) *Les fouilles et la doctrine de recherche*, «La Préhistoire», Paris, P. U. F., 1966, p. 237.



é composto pelos mais variados especialistas, cuja participação é fundamental, uma vez que, como escreve Jean Roche, «toda a escavação é uma destruição e o arqueólogo tem sido muitas vezes comparado a um leitor que queimasse o seu livro página a página, após a leitura de cada uma. Ao contrário da decifração de uma inscrição ou de um manuscrito, em que qualquer erro de leitura poderá ser ulteriormente corrigido, a escavação não pode enfermar de omissões nem de erros de interpretação. Demasiados museus são necrópoles em que objectos admiráveis ou de um interesse considerável são cientificamente inutilizáveis por falta de indicações suficientes para os restituir ao seu contexto original. Convém pois anotar, no decurso da escavação, o maior número de observações, mesmo se algumas puderem parecer provisoriamente inúteis.» (1)

Ora é precisamente neste momento da escavação que vamos encontrar pela primeira vez preocupações que podemos chamar «etnológicas» em Pré-história. Leroi-Gourhan, pré-historiador e etnólogo, chamou repetidas vezes a atenção para essas «duas vias da pesquisa pré-histórica» que são «a que conduz ao conhecimento cronológico pela estratigrafia e a que se dirige para a etnologia pela exumação sistemática das superfícies frequentadas pelo homem fóssil; aquela em que são lidos cortes e aquela em que são decifrados solos.» (2) É pois precisamente esta última, a do estudo por decapagem «horizontal» das superfícies topográficas em que o homem viveu, que nos permite a definição correcta da forma como em cada época esse homem organizou o espaço habitado. É essa superfície onde se espalham os vestígios de um comportamento padronizado, e onde os mais ínfimos pormenores são anotados, que hoje constitui o verdadeiro símbolo do documento do pré-historiador, e que este deixou de considerar como um simples

---

(1) *Méthodes d'étude en archéologie préhistorique*, «Didaskalia», Vol. III, fasc. 2, 1973, p. 326.

(2) *Les voies de l'Histoire avant l'écriture*, «Faire de l'Histoire», Vol. I, Paris, Gallimard, p. 93.

calendário, como diz Leroi-Gourhan, para o encarar como um texto, como um conjunto de relações entre objectos e estruturas, cuja decifração lhe compete. Já não nos basta, pois, como no tempo em que os pré-historiadores apenas se preocupavam com a estratigrafia, saber que culturas passaram por um determinado local, e em que sucessão, mas que actividades concretas realizaram os homens em cada momento no mesmo local. Este aspecto não nega a importância sempre capital da estratigrafia, mas serve para lembrar que a decapagem vertical se deve conjugar constantemente com a horizontal, de forma a compreendermos o mais perfeitamente possível a realidade tridimensional que a escavação nos proporciona; na verdade, os dois métodos são complementares, mas a nossa finalidade última é, sem dúvida, a da reconstituição dos modos de vida e dos padrões de comportamento dos homens da Pré-história, e há muito que deixámos para trás, na Europa, as preocupações cronológicas gerais que eram a principal preocupação dos pré-historiadores da primeira metade do século. Neste aspecto, pois, a Pré-história demarcou-se em relação à Geologia, começando a cristalizar-se o seu método próprio, que a consolida como uma disciplina antropológica, uma Paleoantropologia cultural, isto é, uma ciência que visa a reconstituição não apenas da chamada «cultura material» do passado, mas da realidade cultural total, partindo do princípio de que é possível atingi-la a partir dos testemunhos arqueológicos estudados no solo. A este respeito, e para que se ultrapassem noções empíricas demasiado espalhadas, convém atentar nestas palavras de L. Binford: «Tem-se sustentado com frequência que não podemos escavar um sistema social ou uma ideologia. Evidentemente que não podemos escavar uma terminologia de parentesco ou uma filosofia, mas podemos escavar, isso sim — e de facto fazêmo-lo — os elementos materiais que, juntamente com esses elementos de carácter mais comportamental, existiram nos subsistemas culturais próprios. A estrutura formal dos grupos de artefactos, juntamente com as relações contextuais entre elementos, devem constituir e constituem, uma imagem sistemática e compreensível do sistema cultural

*total desaparecido*» (1). «Por outras palavras, — acrescentam Watson e colaboradores, de cujo livro retirámos a citação anterior — teoricamente falando, os materiais localizados no terreno e as suas distribuições espaciais representam os padrões do comportamento total da cultura antiga em causa» (2). Evidentemente que este ponto de vista geral, baseado numa perspectiva sistemática da cultura, não ignora que os documentos que do passado pré-histórico chegaram até nós são fragmentários, filtrados, como foram, pela sua própria resistência à destruição e por factores que dependeram do acaso; mas acredita na capacidade da Pré-história moderna para, enquanto disciplina etnológica, baseada num questionário verdadeiramente científico, poder levantar desse passado um modelo estruturado, que dê conta das verdadeiras linhas de força explicativas do mesmo, sem o que a Pré-história estaria reduzida a uma erudição sem interesse (imagem que, por vezes, é ainda a que dela tem quem a observa do exterior). Ora, a este respeito é preciso dizer que existe toda uma vanguarda em Pré-história, quer na problemática, quer na metodologia, que vincadamente se demarca das pesquisas da primeira metade do século, e que a tem erguido finalmente ao nível da ciência (vanguarda que mal ecoa em Portugal, por variadíssimas razões que transcendem o âmbito do presente trabalho). Evidentemente que nessa «vanguarda» se encontram perspectivas diversas e contraditórias, do neo-positivismo ao materialismo histórico; mas, todas elas, sublinham com insistência a necessidade de uma «arqueologia (ou Pré-história) antropológica» por contraste com uma «arqueologia humanisticamente orientada» (Watson e outros (3)). Foi exactamente este ponto de vista o que levou um de nós a propor, em 1970, como dissemos de início, uma Paleontropologia cultural que superasse a dicotomia sincronia/diacronia, e integrasse as preocupações que tanto a Pré-história como a Etnologia têm rela-

---

(1) *Archaeology as Anthropology*, «American Antiquity», Vol. 28, pp. 218 e 219 (cit. por Patty Jo Watson e outros, *Op. cit.* nota seguinte, p. 126).

(2) Watson, Patty Jo, e outros, «El Método Científico en Arqueología», Madrid, Alianza Editorial, 1947, p. 126.

(3) *Op. cit.* nota anterior, p. 13.

tivamente às «sociedades primitivas» (no sentido de sociedades sem escrita), respectivamente passadas e actuais.

De facto, as duas pesquisas têm, como é óbvio, todo o interesse em se fundir, embora os seus documentos e métodos sejam em grande medida diferentes. Na realidade, a Pré-história dá à Etnologia a cronologia de que dispõe, essa consciência da espessura do tempo, que nos permite ver os chamados «primitivos actuais» não como povos de certo modo atemporais, como que uma espécie de fósseis vivos dando uma imagem fiel do passado, mas antes, eles também, como um produto histórico, cantoados como normalmente se encontram em zonas desfavoráveis do globo pelos seus vizinhos mais poderosos. Por outro lado, a Etnologia, pelo seu estudo de sociedades vivas, pelo seu acesso às «superestruturas», facilita à Pré-história a compreensão dos sistemas sociais totais, dando-lhe importantes elementos para a compreensão de como foi evoluindo a ordem social, económica, mental, no seu jogo complexo de inter-relações. Ora são estas duas ciências que, unidas, poderão levantar um quadro do desenvolvimento histórico do homem entre as sociedades «selvagens» e a «civilização», que permanece uma das maiores ambições da Antropologia, quadro esse já não unilinear, como nos tempos de Lewis Morgan, mas dando conta da complexa, multilinear, visão da História que hoje nos caracteriza.